



O arquétipo da trindade e o encontro com o Si-mesmo: uma interpretação à luz da psicologia analítica

The Archetype of the Trinity and the Encounter with the

Eliza Silva Dias ^[a]
Curitiba, PR, Brasil
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves ^[b]
Campinas, SP, Brasil
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Como citar: DIAS, E. S.; GONÇALVES, P. S. L. O arquétipo da trindade e o encontro com o Si-mesmo: uma interpretação à luz da psicologia analítica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 354-361, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.A005>

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal estabelecer uma relação entre o encontro do ego com o si-mesmo e o arquétipo da Trindade cristã, com base nos estudos de Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica. A fim de alcançar tal objetivo, o texto é estruturado em três partes para fins de compreensão. A primeira parte apresenta o conceito de arquétipo em Jung, desde suas origens teóricas até sua formulação enquanto componente fundamental da psique. Em seguida, introduzem-se os estudos sobre o arquétipo da Trindade, especialmente a partir da obra *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade* (2022), evidenciando sua relação com o desenvolvimento psíquico e o processo denominado de individuação, equiparado ao desenvolvimento da personalidade. Por fim, analisa-se o encontro do ego com o Si-mesmo, destacando-se sua possível correspondência simbólica com o arquétipo trinitário. Conclui-se que essa vivência interior, embora marcada por tensão, dor e confronto com aspectos sombrios e humilhantes do próprio indivíduo, é profundamente transformadora. A importância do processo de conscientização

^[a] Psicóloga clínica e bacharel em Psicologia (Uniderp), pós-graduada nos cursos de Imaginação ativa e A formação da personalidade em Carl Gustav Jung, ambos pelo Ichthys Instituto de Psicologia Analítica e Religião. Mestranda em Ciências da Religião (PUC Campinas). E-mail: elizadiaspsi@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9322-1800>

^[b] Doutor em Teologia pela PUG (Roma, Itália), Pós-doutor em Filosofia pela EU (Évora, Portugal), Pós-doutor em Teologia pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). É docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e docente dos cursos de graduação em Filosofia e em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Campinas, SP, Brasil). E-mail: paselogo@puc-campinas.edu.br

do inconsciente é tal, que pode ser considerado como uma condição da possibilidade de encontro com o sentido da vida e de direcionar o indivíduo para uma experiência do sagrado. Assim, por mais exigente que seja, o confronto entre ego e si-mesmo é essencial ao amadurecimento da consciência e à construção de uma vida significativa, desde que o ego se mostre disposto a suportar essa prova de coragem.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Arquétipo. Trindade. Si-mesmo.

Abstract

*This article aims to examine the relationship between the encounter of the ego with the Self and the archetype of the Christian Trinity, based on the theoretical framework of Carl Gustav Jung, founder of analytical psychology. With this objective in mind, the text is organized into three sections to facilitate conceptual understanding. The first section outlines the notion of archetype in Jungian theory, tracing its development from foundational premises to its definition as a structural element of the psyche. The second section explores the archetype of the Trinity, drawing primarily on the work *A Psychological Approach to the Dogma of the Trinity* (2022), and highlights its relevance to psychic development and to the process referred to as individuation—understood as the unfolding of personality. The final section investigates the dynamics of the ego-Self encounter and its potential symbolic correspondence with the Trinitarian archetype. It is argued that this inner experience, although characterized by psychological tension, suffering, and confrontation with the shadow aspects of the personality, holds significant transformative potential. The process of bringing unconscious contents into consciousness emerges as a crucial condition for accessing a sense of meaning and potentially engaging with the numinous dimension of experience. Despite its demanding nature, the confrontation between ego and Self is deemed essential for the development of consciousness and for the pursuit of a meaningful existence, insofar as the ego demonstrates the capacity to endure and integrate this initiatory ordeal.*

Keywords: Analytical Psychology. Archetype. Trinity. Self.

Introdução

Uma característica diferencial da psicologia analítica em relação às outras escolas psicológicas é que ela parte do princípio de que existem dois centros da psique: o ego e o si-mesmo. O primeiro abarca a consciência e o segundo refere-se à consciência e ao inconsciente. Veremos mais detalhadamente que o ego percebe a existência do inconsciente por meio do fenômeno da criação da consciência, que se desenvolve com a descoberta do sujeito, de que é, um eu que existe e se relaciona com objetos externos separados dele. Assim, a diferenciação do sujeito com respeito ao objeto externo é, simultaneamente, um reflexo do que acontece em seu mundo interno.

O conceito freudiano de inconsciente era predominante na época em que Jung começou seus estudos sobre o inconsciente. Na percepção freudiana, o inconsciente é engendrado pelas repressões de tendências infantis e qualidades incompatíveis com o ego consciente, que podem ser abolidas e conscientizadas por meio da análise. Ampliando o conceito, Jung demonstra que “em seus níveis mais profundos [o inconsciente], possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso o designei inconsciente coletivo” (Jung, 2011a, §¹ 220).

Jung esclarece que a psicologia analítica é “uma reação contra uma racionalização exagerada da consciência” (2014, § 739), que isola o indivíduo de sua história natural, limitando-a a uma sequência de acontecimentos que vão de seu nascimento à sua morte; e continua: “Esta limitação gera no indivíduo o sentimento de que é uma criatura aleatória e sem sentido, e esta sensação nos impede de viver a vida com aquela intensidade que ela exige para poder ser vivida em plenitude” (Jung, 2014, § 739). Resultam daí conflitos que a psicologia analítica busca solucionar “nos conservando ao nível da razão que alcançamos com sucesso e enriquecendo nossa consciência com o conhecimento da psique primitiva” (Jung, 2014, § 739); assim, o autor propõe, como caminho para uma vida com significado, o relacionamento do ego-consciência com o si-mesmo/inconsciente.

Vários dos escritos de Jung tratam de fenômenos religiosos, como são exemplos as obras *Uma interpretação psicológica do dogma da Santíssima Trindade*, *O símbolo da transformação na missa*, a polêmica com Victor White sobre a *privatio boni* e especialmente sua obra sobre o *Livro de Jó*. Em seus estudos parte de um ponto de vista fenomenológico da psicologia do *homo religiosus*, do indivíduo que “considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral” (2022, § 11).

Na perspectiva junguiana, a religião é tida como “uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de ‘numinoso’, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário” (Jung, 2022, § 6). Ele expressa que o sujeito é como uma vítima do seu criador, que dele se apodera e o domina, sendo o numinoso uma condição do sujeito que é independente de sua vontade. Os estudos da religião ocupam um lugar central na obra de Carl Jung, vários caminhos conduziram-no ao confronto com questões religiosas, desde suas experiências pessoais, como também sua experiência clínica enquanto médico psiquiatra: “De todos os meus pacientes que tinham ultrapassado o meio da vida, (...) não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa” (Jung, 2011, § 509).

Este estudo será dividido a seguir em três tópicos, com o objetivo de oferecer alguns dos elementos básicos e essenciais à compreensão do tema. Em primeiro lugar, apresenta-se o conceito de arquétipo em Jung, com um breve percurso que vai da fundamentação do conceito até sua definição. No segundo tópico, serão introduzidos os estudos psicológicos do arquétipo da Trindade cristã, com base no livro *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade* (2022), abordando-se a relação trinitária com o desenvolvimento psíquico. Por último, explora-se o encontro do ego individual com o si-mesmo e sua possível relação com o arquétipo da Trindade cristã.

O conceito de arquétipo em Jung

Em *Arquétipos e o inconsciente coletivo* (2017), Jung explica que o termo já se encontrava em Filo Judeu como referência à *imago dei* no homem, assim como no *Corpus Hermeticum* e em Dionísio Areopagita. A mesma ideia –sem

¹ Símbolo referente ao número do parágrafo encontrado nas Obras Completas.

o uso do termo – também é encontrada em Agostinho, conforme citação que Jung faz do próprio pensador de Hipona “*ideae [...] quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur*” (ideias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina)” (Jung, 2017, § 5). A expressão *arquétipo* foi adotada na psicologia analítica a partir de 1927 (Jacobi, 2017).

Para Jung, *archetypus* é uma perífrase explicativa do *eidos* platônico e ele aponta o termo como preciso e de grande ajuda, pois “concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (Jung, 2017, § 5). Ele afirma que sua contribuição nessa descoberta foi ter provado que os arquétipos não se difundem apenas mediante a tradição, a linguagem e a migração, “mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa” (idem, § 154). Dessa forma, seu mérito “é o de haver reconhecido, como conteúdos arquétipos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião” (Jung, 2022b, p. 7).

Ao se buscar pela origem dos arquétipos, “Jung diz: “Se a estrutura psíquica e seus elementos, os arquétipos, se originaram em algum momento é uma questão da metafísica e, portanto, impossível de responder” (Jung apud Jacobi, 2017, p. 45). A origem de um arquétipo “permanece obscura, e sua essência, insondável” (Jacobi, 2017, p. 45), justamente por residir no misterioso reino das sombras — o inconsciente coletivo; por esse motivo, é impossível ter acesso direto a ele. Portanto, todo conhecimento que se tem de sua essência e atividade é indireto, ou seja, é obtido por meio de suas manifestações psíquicas.

Os conteúdos do inconsciente coletivo são os instintos e os arquétipos, sendo os instintos resultados de uma necessidade interior, apresentando-se como “impulsos destinados a produzir ações (...) sem uma motivação consciente” (Jung, 2014, § 270), e, os arquétipos, correspondentes às formas inatas da psique; ambos, como faces opostas da mesma moeda, são “(...) determinantes necessárias e *a priori* de todos os processos psíquicos.” (Jung, 2014, § 270).

Jacobi critica a comparação dos arquétipos com o *eidos* platônico. A priori, ela explica que a relação com o conceito platônico, apesar de evidente, é apenas parcial: “Ambos significam algo figurado, ‘imagético’, ‘visto’, mas, ao contrário do arquétipo, é inerente às ideias a “propriedade da imutabilidade” (Jacobi, 2017, p. 60), devendo ser entendidas como formas eternas e transcendentais existentes antes da experiência. A psicóloga observa que essa negligência de diferenciação levou os arquétipos a serem vistos como: “uma espécie de “imagens prontas” herdadas, gerando numerosos mal-entendidos e polêmicas desnecessárias” (Jacobi, 2017, p. 61). Para ela, acaba-se ignorando que representam uma condição estrutural da psique que “sob certa constelação (de natureza interna e externa), é capaz de produzir os mesmos ‘padrões’, o que não tem nada a ver com a herança de certas imagens” (Jacobi, 2017, p. 61).

Sobre se relacionarem a *formas herdadas*, pode-se ler em Jung: “Contento-me com a hipótese de uma estrutura psíquica que existe por toda parte, diferenciada e herdada sob tal forma, predeterminando todas as experiências vitais em uma direção definida e de forma prefixada” (2022a, § 845). O termo *herdadas* em Jung é empregado para indicar que a estrutura da psique repousa num princípio inato a ela, ou seja, é uma herança universalmente humana, no sentido de que é capaz de se expressar em certos padrões específicos (Jacobi, 2017).

Os sistemas religiosos conservam as imagens providas do inconsciente, pois a perspectiva junguiana aponta que existem semelhanças entre representações encontradas em sistemas religiosos e os conteúdos arquetípicos pertencentes à psique humana, demonstrando que a religião possui uma base arquetípica. Dessa forma, as confissões religiosas seriam formas codificadas e dogmatizadas de experiências numinosas, sendo um dos interesses de Jung compreender a importância psicológica do dogma como um símbolo oriundo do inconsciente.

O arquétipo da Trindade

O conceito de Santíssima Trindade corresponde teologicamente à concepção de um Deus que é único em substância, e, constituído de três pessoas divinas que se relacionam pericoreticamente, havendo simultaneamente

diversidade, em propriedade e missão, e unidade denotativa de *koinonia* trinitária². Trata-se de um dogma da Santíssima Trindade, assim como é professado ainda hoje, “foi elaborado com as categorias da filosofia grega nos primeiros séculos da vida da Igreja e assumido como símbolo de fé” (Burocchi, 2012, p. 523).

No livro *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade* (2022b), inicialmente Jung explica sua disposição em tratar da Trindade sob o ponto de vista psicológico: “Minha opinião é que as religiões se acham tão próximas da alma humana, com tudo quanto elas são e exprimem, que a psicologia de maneira alguma pode ignorá-las” (Jung, 2022b, § 172). A trama costurada entre a sua psicologia e a religião é defendida por ele, por mais *estranho* que pudesse parecer que um médico, orientado para as ciências físicas e naturais, ocupe-se de um estudo como o Dogma da Trindade; para ele, essas *representações coletivas* têm uma relação estreita e significativa com a alma humana, de tal forma que o símbolo central do cristianismo possui necessariamente uma significação psicológica que lhe garantiu atingir um sentido universal (Jung, 2022b).

Nessa obra, Jung apresenta determinadas semelhanças da teologia régia do Egito e das representações babilônicas e gregas com o cristianismo. Mostra que no estágio primitivo do pensamento humano já apareciam as tríades divinas, tornando possível classificar esse padrão trinitário como um *arquétipo* que, provavelmente, inspirou a ideia da Trindade cristã. Ele observa que essas tríades muitas vezes não consistem em três pessoas diferentes, divinas e independentes, mas que existia uma forte tendência de fazer predominar certas relações de parentesco no interior da tríade (Jung, 2022b).

Apresentando exemplos da Antiguidade como comparáveis à ideia da Trindade, com a indicação de certas semelhanças na Babilônia e um maior desenvolvimento desses paralelos no Egito: os *protótipos* egípcios da Trindade, representado por deus como o pai, o deus como filho (o faraó) e *Ka-mutef* ou *Ka*, a força procriadora de deus. Jung cita também a *homousia*, entendida como unidade de essência entre o deus como pai e deus como filho. E ressalta que a circunstância de o filho (o faraó) ter sua geração divina no seio da mãe humana do rei, por obra do *Ka-mutef* (a força procriadora do deus), mas ela ser excluída da trindade, assim como Maria, demonstra similaridades entre as religiões. Além disso, as concepções tradicionais acerca do *Ka* foram transpostas pelos primeiros cristãos do Egito para o Espírito Santo. “Estas ideias passaram para o sincretismo helenístico e foram transmitidas ao cristianismo através de Fílon e Plutarco.” (Jung, 2022b, § 178).

Na concepção da psicologia analítica, o símbolo da Trindade é equivalente a três estágios do processo de desenvolvimento psíquico, de modo que a realidade psicológica estaria presente nos termos do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O mundo do Pai assinalaria a época de uma unidade original, não há um conflito moral, caracterizando o indivíduo em seu estado infantil, onde nunca se viu em Deus a possibilidade de ser um *outro*. O mundo do Filho como representação da situação de conflito, “um mundo diverso, ansioso pela salvação e por aquela perfeição mediante a qual ainda se achava unido ao Pai” (Jung, 2022b, §203). E por último, o mundo do Espírito Santo, que se define por uma espécie de reconhecimento do inconsciente e não mais uma subordinação a ele; esse terceiro estágio demonstra que há uma articulação, um diálogo, entre a consciência e o si-mesmo (Jung, 2022b).

Segundo a antiga doutrina, o Espírito Santo não é um resultado do Pai ou do Filho, mas uma realidade particular, caracterizado como “*vera persona, quae a filio et a patre missa est* [verdadeira pessoa, enviada pelo Pai e pelo Filho]. O *processio a patre filioque* [o ato de proceder do Pai e do Filho]” (Jung, 2022b, § 197), não sendo gerado, mas uma espécie de inspiração. O Espírito Santo é tanto quem gera o Filho quanto sua herança. “Ele continua a obra de salvação do Filho em *muitos*, descendo sobre aqueles que correspondem à escolha divina” (idem, § 205). Enquanto paráclito, o Espírito Santo representa aquele que coroa a obra da revelação divina, sendo correspondente a um estágio de reflexão e de maior consciência.

Jung chama a atenção para a supressão do elemento feminino na Trindade cristã, transferindo-se para um plano especial a relação *pai-filho*, plano este que é similar ao dos mistérios ancestrais e das iniciações masculinas: “[...]”

² De acordo com Sesboüé (1994), nos concílios de Niceia (325 d.C.), Constantinopla I (381 d.C.), Éfeso (431 d.C.) e Calcedônia, consolidou-se dogmaticamente a Santíssima Trindade, concebida desde o mistério *absconditus et revelatus* de Deus, que em sua revelação é substancialmente único, havendo co-substancialidade entre as pessoas divinas do Pai e do Filho e do Espírito Santo, com diversidade em propriedade e missão, em cada uma das pessoas, e *koinonia* – pericórese em grego e *relatio* em latim – entre essas mesmas pessoas divinas.

os jovens do sexo masculino são sistematicamente afastados das mães e transformados numa espécie de espíritos através de um novo nascimento” (Jung, 2022b, § 197). A relação *pai-filho-espírito*, ao excluir a mãe, demonstra sua constituição de fórmula patriarcal, que repercutiu antes mesmo da era cristã. Por outro lado, no gnosticismo interpreta-se o Espírito Santo como mãe, com a argumentação de que “Maria foi envolvida, enquanto instrumento do nascimento divino e conseqüentemente enquanto ser humano, no drama trinitário” (Jung, 2022b, § 240), podendo ser considerada como um símbolo da participação essencial da humanidade na Trindade.

A justificação desta hipótese se baseia na circunstância de que o pensamento humano, que originariamente se baseava na autorrevelação do inconsciente, é concebido como a manifestação de uma instância extraconsciente. Para o primitivo, o pensamento se dá como um acontecimento, e nós mesmos consideramos certas ideias súbitas, particularmente brilhantes, como inspirações (sopros). Quando as ideias e, de modo especial, os juízos e conhecimentos são transmitidos à consciência por uma atividade inconsciente, intervém, como se observa frequentemente, o arquétipo de uma figura feminina, da anima, da mãe e amada. A impressão é de que a inspiração vem da mãe ou da amada, da *femme inspiratrice* [a mulher inspiradora]. Daí talvez a tendência do Espírito Santo de trocar o seu neutro τὸ πνεῦμα pelo feminino. (Aliás a palavra hebraica que significa espírito: ruah é preponderantemente do gênero feminino). O Espírito Santo e o Logos se confundem quando se trata do conceito de Sophia e de Sapientia (Sabedoria) na Filosofia Natural da Idade Média. A respeito desta se lê: In gremio matris sedet sapientia patris [15]. Estas relações psicológicas abriram o caminho para a interpretação do Espírito Santo como mãe, mas em nada contribuíram para a compreensão da figura do Espírito Santo em si, pois não se vê de que modo a mãe poderia funcionar como terceiro elemento, quando deveria ser o segundo. (Jung, 2022b, § 240).

Ao caracterizar a Trindade sob a perspectiva arquetípica, Jung colocou como objetivo principal de seu estudo demonstrar como, enquanto ideia arquetípica, o dogma pertence a um fundamento do pensamento humano. Embora essas ideias possam ser esquecidas e soterradas por anos, elas tendem sempre a voltar, mesmo que muitas vezes sob outros disfarces e deformações pessoais, e, enquanto arquétipo, apresenta-se “(...) constantemente, sob novas formas, como verdade intemporal que são, inerentes à natureza humana” (Jung, 2022b, § 195). Jung, como psicólogo, aponta a importância de se *reconhecer* o arquétipo, pois caso não seja reconhecido pela consciência: “(...) surge por detrás, ‘in his wrathful form’, em sua forma iracunda, como ‘filho do Caos’, como malfeitor tenebroso (...) como nos mostra claramente a história moderna. (Jung, 2022b, § 178).

O encontro do ego com o si-mesmo

O *si-mesmo*, ou o arquétipo em si, é um conceito imenso dentro da psicologia analítica e exprime algo incognoscível, do qual se pode ter apenas um vislumbre. O si-mesmo está além de qualquer definição, ainda que se tenha tentado abordá-lo por diversos ângulos (Edinger, 2004). No entanto, ele é empregado justamente para fins de entendimento psicológico e a descrição mais simples que se pode fazer é de ser “como a divindade empírica interna e equivalente à *imago Dei*” (Edinger, 2020, p. 19).

O si-mesmo, desta forma, sempre será algo indeterminado e interminável, sugerindo o que seria ideal dentro do processo da formação da personalidade, tornando-se presente *em cada etapa* da aproximação da consciência de si mesmo (Harada, 1971). Seguindo as premissas dogmáticas do cristianismo da Trindade, Jung aponta que, segundo esse dogma, Deus é presente em cada uma das três pessoas da Trindade, da representação do estado unitivo do Pai a representação do estágio do Filho, como o par de opostos que jaz no seio da imagem divina sob a forma de conflito (Jung, 2022).

O encontro da consciência com o inconsciente é descrito como um verdadeiro ato de coragem. E, não é de se estranhar que seja um ato de coragem, visto que o *outro* à primeira vista é um desconhecido, um estranho para o *eu* e potencialmente cheio de inúmeras possibilidades. O primeiro encontro com o inconsciente é como se olhar no espelho, sem lisonjas, é como olhar para sua verdadeira face, e significa encarar a própria *sombra*: “A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo” (Jung, 2017, § 45).

O homem é o par de um Dioscuro, em que um é mortal e o outro, imortal; sempre estão juntos e apesar disso nunca se transformam inteiramente num só. Os processos de transformação pretendem aproximar ambos, a consciência porém resiste a isso, porque o outro lhe parece de início como algo estranho e inquietante, e não podemos nos acostumar à ideia de não sermos senhores absolutos na própria casa. Sempre preferiríamos ser “eu” e mais nada. Mas confrontamo-nos com o amigo ou inimigo interior, e de nós depende ele ser um ou outro. (Jung, 2017, § 235)

Apesar de ter definido a percepção do si-mesmo pelo ego como um “amigo da alma” e “par de um Dioscuro”, Jung finaliza quase com um aviso: percebê-lo como amigo ou inimigo nesse confronto depende do ego. A aparência imagética do arquétipo é relativa à atitude do ego frente a ele: quando há uma atitude amistosa, quando o ego se apresenta aberto a mudanças e ao crescimento, ele “aparece como um amigo colaborador, um companheiro, um irmão tribal que o ajuda em suas aventuras, que lhe dá apoio e lhe transmite ensinamentos” (Johnson, 1989, p. 62); mas se a atitude do ego está em reprimir, ele emergirá, geralmente, como um odioso inimigo (Johnson, 1989).

O encontro com o si-mesmo significa algo de grande valor, correlacionado com o encontro com a *prima matéria*; o termo, oriundo da Filosofia, nomeia o “poder indeterminado de mudança” (Edinger, 2021, p. 30). Apesar da aparência desagradável, justamente “os aspectos mais dolorosos e humilhantes de nós mesmos são os próprios aspectos a serem trazidos à luz e trabalhados” (Edinger, 2021). Um modo de se observar o inconsciente e sua autonomia é através das emoções, como reações instintivas, involuntárias e os afetos *acontecem*, irrompem na consciência. Quanto mais violento um afeto, mais ele se encaminha para o patológico (Jung, 2017).

Edinger (1995) esclarece que o embate do *eu* com o si-mesmo é sentido pelo indivíduo como uma derrota. Ele denomina essa determinada experiência como *arquétipo de Jó*, que sintetiza em quatro características principais: o encontro do *eu* com uma representação do si-mesmo, uma ferida ou sofrimento por parte do ego devido ao embate; perseverança e resistência à prova e a busca de significado da experiência; e, como recompensa para o ego pela sua perseverança, há uma revelação divina, um *insight* sobre a psique transpessoal. De modo similar, a teologia cristã aponta que a experiência religiosa, institucionalizada ou não, propicia o encontro entre o ser humano e a divindade, conduzindo-o a uma experiência do mistério, visto como *mistério revelado* (Gonçalves; Neves, 2010).

Jung lembra que no *Liber de Spiritu et Anima* da alta Idade Média é refletida a suposição de que se chegaria a um conhecimento de Deus através do conhecimento de si mesmo. Por isso, à medida que o intelecto reconhece sua semelhança com Deus, mais facilmente O conhecerá:

(...) É assim que começa o processo do conhecimento da Trindade: o intelecto vê que a “sabedoria” (*sapientia*) provém dele e que ele a ama. Mas o amor procede dele e da sabedoria, e assim os três: o intelecto, a sabedoria e o amor, formam um só. A sabedoria provém do intelecto e o amor procede de ambos. Ora, Deus é a origem de toda a sabedoria; Ele corresponde ao intelecto (ao *voûç*); a sabedoria que Ele mesmo gerou corresponde ao Filho (ao *lóγος*); mas o amor corresponde ao Espírito (ao *πνεῦμα*) [21], inspirado entre Pai e Filho [22]. A *Sapientia Dei* foi identificada inúmeras vezes com o *Logos* cosmogônico e, conseqüentemente, também com o Cristo. O pensamento medieval deriva a estrutura da psique, partindo naturalmente da Trindade, ao passo que a perspectiva moderna simplesmente inverte esta relação. (Jung, 2022, § 221).

A descoberta do si-mesmo e o estabelecimento de um contato com ele fazem com que homem não esteja mais só em sua psique. O ego se relativiza, há uma transformação em ambos, pois o Si-mesmo também precisa do ego e da consciência para que haja uma reconciliação. A reconciliação entre as duas instâncias corresponde a um estágio de reflexão e de maior consciência, o estágio do Espírito Santo. As adversidades da vida revestem-se de um novo e ampliado sentido: “Os sonhos, as fantasias, a enfermidade, o acidental e o coincidente se tornam mensagens potenciais do Parceiro invisível [o outro] com quem compartilhamos nossa vida” (Edinger, 1995, p. 11).

Considerações finais

O ser humano, na perspectiva apresentada, estaria cada vez mais desconectado da natureza; conseqüentemente, os eventos da vida carecem de significado simbólico, sendo despidos de numinosidade. Os estudos do inconsciente propostos por Jung tornam visível o caráter experiencial de sua psicologia e sua importância

para a humanidade. O olhar aprofundado para o inconsciente e sua relação com o fenômeno religioso demonstrou a sua característica hereditária e coletiva, visível através das projeções que se corporificam nos mitos e nos padrões arquetípicos, assim como no arquétipo da Trindade cristã.

A transposição do arquétipo da Trindade à interpretação psicológica e aos estágios de desenvolvimento psíquico abre uma porta aos indivíduos para uma aproximação à religião, como o próprio Jung defende; não a religiosos e possuidores de fé, mas aos indivíduos para quem Deus está morto, o mistério se apagou e para os quais provavelmente o que lhes resta é uma abordagem psicológica. Por visar a humanização, poder-se-ia ampliar essa possibilidade também àqueles possuidores da fé que buscam o conhecimento de si e/ou uma experiência religiosa, pois nada de essencial pode ocorrer à alma enquanto a religião se restringir a uma forma apenas exterior.

O encontro com o si-mesmo traz é extremamente valioso por corresponder ao encontro com a *prima matéria* e toda sua possibilidade de trabalho e transformação. Reconhecer os aspectos dolorosos e humilhantes em nós é justamente o primeiro passo no caminho do conhecimento de si, e talvez, do conhecimento de Deus, na visão da psicologia analítica. Assim, por mais doloroso que seja, o confronto entre esses dois componentes psíquicos é essencial para que o ego-consciência se desenvolva e caminhe em direção a uma vida de significado, desde que o ego persevere e resista a essa prova de coragem.

Referências

- Edinger, E. F. *A ciência da alma: uma perspectiva junguiana*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- Edinger, E. F. *Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Cultrix, 2020.
- Edinger, E. F. *O encontro com o Self: um comentário junguiano sobre as “Ilustrações do Livro de Jó” de William Blake*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- Gonçalves, P. S. L.; Neves, M. V. Contribuições da psicologia profunda à teologia contemporânea. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 97-109, 2010.
- Harada, H. Cristologia e psicologia em C.G. Jung. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Instituto Teológico Franciscano. Petrópolis: REB, v. 31, n. 121, p. 119-144, 1971.
- Jacobi, J. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de CG Jung*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Johnson, R. *Inner Work: a chave do reino interior*. São Paulo: Mercuryo, 1989.
- Jung, C. G. *A natureza da psique*. OC, 8/2. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Jung, C. G. *Escritos diversos*. OC, 11/6. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Jung, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- Jung, C. G. *O eu e o inconsciente*. OC, 7/2. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- Jung, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. OC, 9/1. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Jung, C. G. *Psicologia e religião*. OC, 11/1. Petrópolis: Vozes, 2022.
- Jung, C. G. *Psicologia e religião e religião oriental*. OC, 11/5. Petrópolis: Vozes, 2022a.
- Jung, C. G. *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. OC, 11/2. Petrópolis: Vozes, 2022b.
- Sesboüe, B. *La Hiastoire du Salut (IV). La parole de salut*. Pris: Desclée, 1994.

RECEBIDO: 24/11/2024
APROVADO: 05/04/2025
PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 11/24/2024
APPROVED: 04/05/2025
PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza